

COMO UM SEIXO

LIKE A PEBBLE

Manuela Lanius¹

Resumo: Nosso artigo busca trabalhar a divergência entre amor e desejo e seu possível encontro a partir da abordagem lacaniana da lógica da sexuação e suas consequências na vida amorosa, visto que há algo que restará sempre inapreensível.

Palavras-chave: Amor. Desejo. Sexuação.

Abstract: Our article seeks to work out the divergence between love and desire and its possible encounter from the Lacanian approach of the logic of sexuation and its consequences in the love life, since there is something that will remain always inapprehensible.

Keywords: Love. Desire. Sexuation.

O gozo só se interpela, só se evoca, só se saprema, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência. Mesmo o amor, como sublinhei da última vez, se dirige ao semblante. (LACAN, [1972-1973]/1985, p. 124).

Olho Teresa. Vejo-a sentada aqui ao meu lado, a poucos centímetros de mim. A poucos centímetros, muitos quilômetros. Por que essa impressão de que precisaria de quilômetros para medir a distância, o afastamento que a vejo neste momento?

Olho Teresa como se olhasse o retrato de uma antepassada que tivesse vivido em outro século. Ou como se olhasse um vulto em outro continente, através de um telescópio. Vejo-a como se a cobrisse a poeira tenuíssima ou o ar quase azul que envolvem as pessoas afastadas de nós muitos anos ou muitas léguas.

[...] Esta é a mesma Teresa que na noite passada conheci em toda intimidade? Posso dizer que a vi, falei-lhe, posso dizer que a tive em toda intimidade? Que intimidade existe maior que a do sonho? A desse sonho que ainda trago em mim como um objeto que me pesasse o bolso?

[...] Posso esperar que esse oceano nos seja comum? (MELO NETO, 2011, p. 57-62)

¹Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA. Doutora em Psicanálise: Pesquisa e Clínica - UERJ. E-mail: manuelalanius@gmail.com

Seria possível apreender o amor senão pela metáfora?

“O amor é um seixo rindo ao sol”, definiu LACAN (1998, p. 512), nos dando a dimensão do amor como um poema, a casa do amor na metáfora, para nos oferecer a compreensão de que se fazendo metáfora, representa algo do sujeito que ama. Aí está a qualidade de impossível de ser representado por apenas um signo, um único sinal. O amor, vemos, nunca é/está sozinho, é reação de uma cadeia, de uma construção na cultura. “Quantas pessoas nunca teriam amado se não tivessem ouvido falar do amor?”, pergunta La Rochefoucauld, lembrado por Lacan ([1962-1963]/2005), este que nos dirá, ainda, que as formas de amor, tal como a arte, estão subordinadas à cultura de cada época:

Não se pinta na época de Picasso como se pintava na época de Velásquez, não se escreve tampouco um romance em 1930 como se escrevia no tempo de Stendhal. (LACAN, [1959-1960]/1997, p.135).

Não se opondo ao gozo, a mola do amor conta com o signo do gozo que está aí para fazer surgir o desejo (LACAN, [1972-1973]/1989). Mas onde que amor e desejo podem ter um encontro?

Gostaríamos de levantar uma hipótese na relação do amor com algo de uma invenção, que é para além de uma criação em torno do vazio, mas que explicita algo que sobeja, tal o que entendemos como sublimação – *Sublimierung*, na pena de Freud. Remete-nos, ainda, ao que Lacan trabalha no seminário *O ato analítico* acerca do poema de Rimbaud, *Por uma razão*¹, onde temos novamente o amor como invenção, como um novo significante que emerge como produção de uma mudança de discurso. Significante inventado, novo, que recruta outros significantes de cadeia, reorganizando as significações e a representação subjetiva.

Podemos dizer que o objeto de desejo é sempre inominável à medida que o irredutível das satisfações primordiais atesta sua permanência nele, indefinidamente. É no objeto de desejo que se situa o que ainda pode advir como amor, no que de um Real originário remanesce. Não é ponto sem nó que dá Lacan, justamente no seminário dedicado à angústia, nos fazer aceder ao aforisma do amor como sublimação do desejo (Lacan, [1962-1963]/2005, p. 198), e a retomar, no seminário sobre a ética da psicanálise, o paradigmático conceito de sublimação, qual seja: “elevar um objeto à dignidade da Coisa” (LACAN, [1959-1960]/1997, p. 140-141), uma função da arte no ponto em que consegue revelar o estranho – *unheimlich* – que subjaz.

É claro que estão desfilando por aí amores imaginariamente constituídos, como aquele amor entendido como a extensão de si mesmo, o “pedaço de mim”. Se o objeto de amor é, na sua essência especular, de fonte narcísica, o pedaço de si deve ser formado por uma obturação que garante um gozo barrado advindo do autoerotismo, mas mesmo assim afinado com o gozo vinculado ao fantasma constituinte. Todavia, há algo para além disso – e aqui é que a sublimação faz sua função. Amor e sublimação se aproximam, pois se trata de algo que nos dirige para além do fantasma, e por quê não dizer, ao atravessamento do fantasma, ao fim de análise.

morrer de amor
imerso no olhar da bela
que me tomou de assalto,
seu servidor
ser, dos pés até a coma.

Amor, para!
Que queres mais provar?
Por que torturares o teu pajem,
só os picos dos teus espinhos
pontiagudos dares, flores negares?
A alma é forte,
mas o corpo inverso
já se rebela
e quer de um salto
colher a flor
de boca, beijo e aroma.

Se me ampara
essa a quem vivo a orar,
no calor da sua hospedagem,
justifica os meus descaminhos,
muda os pesares dos meus pensares.
Mas antes morte contrapor
adverso do que perdê-la,
só meu sobressalto.
Que o seu valor
é mais que qualquer soma.

Face cara
que me faz pervagar
sem temor
atrás de uma miragem,
nos becos, pelos caminhos mais desnudos,
por ares e por mares,
em louco esporte.
Surdo ao rumor perverso,
somente a ela
sobreamo, falto
de senso, amor
maior que a Deus tem Doma.

Vai, prepara
canções para doar,
trovador,
ao rei em homenagem.

Rústicos pães, duros linhos
 serão veludos,
 raríssimos manjares.
 Parte com porte.
 Embora em dor
 subverso,
 venera o anel.
 A Aragon, baldio,
 vai teu ardor,
 pois quem comanda é Roma.

Ei-la em seu forte.
 Combatedor converso,
 em sua cela sou prisioneiro, Arnaldo.
 Esse sabor de amor
 ninguém me toma.
 (DANIEL, 1180-1210)

Seguiremos, contudo, no que se refere ao amor e seus transtornos, mais claramente a respeito do amor que surge justamente da desordem, do *pathos*.

Se temos o amor como um sintoma, o sintoma, por sua vez, é o parceiro mais fiel do sujeito, na sua função de tentar suprir a não-relação sexual, ou seja, a falta de um significante que permita a equivalência entre os sexos, e definindo o sujeito perante suas referências (LACAN, [1972-1973]/1989). Lacan transforma o que poderia ser entendido como um destino pela via anatômica em um problema de ordem lógica, ou seja, em como o sujeito está referido perante a ordem fálica.

Um desses parceiros fiéis é o ciúme. Sabemos que os mecanismos neuróticos do ciúme estão mais para o lado da paixão que do amor, e apontam aos analistas que o ciumento aí coloca em causa algo da ordem do seu desejo, como projeção de sua própria infidelidade. O que lemos nas contribuições de Freud à psicologia do amor, é que o ciúme está calcado na raiz do Édipo, como resultado de um recalque do desejo dirigido ao objeto materno. Este tipo de ciúme tem a seguinte matriz: “não sou eu o infiel; é ela” (1922 [1921]/2010, p. 219). Já perante casos de homossexualidade inconsciente, que podem apresentar-se como delírio, também se apresentam na neurose, como foi analisado por Freud no caso Dora, cuja fórmula se resume: “Não sou eu quem o ama, é ela; ou, não sou eu quem a ama, é ele” (1922 [1921]/2010, p. 219). Assim, vemos que as reedições da vida amorosa resultam do complexo de Édipo, mais precisamente, de como foi possível que a função paterna se operasse para cada sujeito, ou dito de outro modo, como cada sujeito responde frente à castração.

Ao passo que temos as localizações indicadas por Freud para situarmos uma direção do tratamento para o ciúme, tomaremos também mais uma orientação, a que foi dada por Lacan a partir das fórmulas da sexuação, e, mais

precisamente, como um efeito que a sexuação feminina produz do lado masculino. Cabe pensarmos ao que estamos nos propondo quando nos referimos à sexuação. Em primeiro lugar, que se trata de uma construção pela via da linguagem, retirando da condição biológica a eleição do sexo, mas sim, reiterando uma implicação subjetiva (LACAN, [1957-1958]/1999). Foi assim que configurou Lacan ([1957-1958]/1999) quando fala de uma declaração de sexo, no qual assume para si e se reconhece pela via da identificação com seu sexo. Desse modo, assumir o sexo, anunciá-lo, também implica que pode não o reconhecer, pode negá-lo e que tal afirmação perante outro não é sem dificuldade, sendo imperativo que se situe o lugar desde onde se enuncia.

A questão da genitalização é dupla, portanto. Há, por um lado, um salto que comporta uma evolução, uma maturação. Por outro, há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes as coisas, aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assuma um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminizarão são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo. Encontramo-nos, aí, no nível em que o Édipo está diretamente ligado à função do Ideal do eu – ele não tem outro sentido. (LACAN, [1957-1958]/1999, p. 171).

A sexuação do lado feminino implica que a mulher é não-toda, ou seja, há na mulher algo que não se apreende pela via do discurso, resultando, no que disse Lacan de que *A Mulher*, enquanto toda, não existe (LACAN, [1972-1973]/1985). Por mais que um homem procure na mulher uma resposta que lhe dê garantia da própria condição sexuada, não irá encontrar, visto que temos a primazia do significante, ou seja, é o significante que está no comando (LACAN, [1972-1973]/1985).

A Mulher não existe, é um aforisma que tem suas consequências no plano psíquico. Faz d'*A Mulher* o Outro do homem, secreta, estrangeira. Não somente o Outro do homem, mas o Outro sexo enquanto tal, até mesmo para as mulheres. Temos posto que o Outro aqui se trata do Outro radical, jamais do semelhante. E esse Outro radical significa que não há semelhante inclusive a ela mesma. Quais as consequências?

Freud nos ofertou algumas contribuições ao segredo das condições do amor. Como chave de acesso ao que enlaça, está o complexo de castração. Lacan daí toma a solução de que os atrativos femininos dependem principalmente de um não ter, nos levando à dialética do ser e ter do embate amoroso. O que condiciona aqui é exatamente um não ter que se torna desejável, nomeado por Lacan como a ausência de pênis que faz da mulher falo, que é oposto ao fantasma da mulher fálica. Aí está o valor erótico da máscara, atrás da qual não há nada.

Desse modo, se seguirmos pelos caminhos mapeados por Freud, a condição do amor é um artifício para localizar a mulher em referência ao falo e desta forma submetê-la às condições de identidade.

Isso posto, traremos para debate um fato clínico no qual o ciúme vem como valor erótico. Nos consulta uma mulher de aproximadamente 40 anos, que se vê muito atrapalhada em sua vida amorosa, padecendo de angústia. Esta mulher tem um marido e um amante (houve outros), e como não poderia deixar de ser, entre idas e vindas, os amantes a enfrentam para que se posicione numa escolha entre eles. De um modo obsessivo, tenta solucionar este impasse partindo para uma lista de prós e contras que resulta infundável e inútil, até mesmo porque não é possível, para ela, prescindir de um deles. Seu marido, para ela, diferencia-se do restante dos homens, uma exceção a todos os outros, os amantes, fato de discurso que, de certo modo, sustenta todo o conjunto. Já estes últimos a capturam ainda mais por estarem para ela como confidentes, como semelhantes e por compartilharem com ela dos mesmos interesses de vida.

Os outros, todavia, são aqueles que a deixam enciumada, tendo em comum um traço específico: “são caçadores”, “mulherengos”, “Dons Juans”. Esta voracidade que aponta o significante eleito por seu sintoma nos revela que essa mulher se ofertava para um gozo ilimitado *d’A Mulher*. Se relembramos o que diz Lacan, em seu seminário sobre a angústia, saberemos que “Dom Juan é um sonho feminino [...] aquele homem ao qual não faltaria nada [...] uma imagem feminina.” (Lacan, 1962-1963, p. 212). Seus dias estavam ocupados por ligações, mensagens, monitoramento de redes sociais, “dar incertas”. Os seguia e os espiava, e ainda, nestas atuações – uma mostração velada, verdadeiros *acting outs* – colocava-se numa posição na qual poderia ser vista enquanto espiava, ficando, para ela, a pergunta: “será que me viram?”. Diria Lacan (1962-1963) que nossa paciente estaria “Outrificada” na sua estrutura de ficção. As “incertas” trazem à tona sua mãe, que não era certa, de quem seu pai desconfiava, ocasionando a separação deles. De seu pai, escutou: “Sua mãe não é uma mulher correta, não é certa pra mim”.

Na tentativa de pegá-los na “incerta”, os interrogava numa retórica exaustiva até obter algum tipo de confissão. O amante assim lhe pede perdão, ela o insulta, ele suplica, ela o perdoa. Uma vez conseguido o êxito, é tomada por uma excitação e enquanto fazem amor, ela os questiona por mais detalhes, nesta via: “Com quem goza mais, com ela ou comigo?” Isso nos fez lembrar de uma das cenas finais do filme do diretor Mike Nichols, de 2004, “*Closer*”, (“Perito demais” no título que veio ao Brasil) na qual o médico traído busca extrair detalhes ainda mais minuciosos das transas extraconjugais da esposa.

Para nossa paciente, o saber suposto está *n’A Mulher*, e o submete a um interrogatório a fim de saber algo que ele ainda não lhe disse, e para encontrar a resposta, busca na expressão dele enquanto goza, se ele se satisfaz mais com ela que com sua rival.

Chegamos ao ponto no qual nosso percurso teórico com o qual iniciamos nos auxilia na abordagem do caso. Dessa mulher, temos sua própria infidelidade e a divergência do objeto tal como Freud (1912/2010) o descreve em *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa*, sendo interessante dar ênfase que esses dois objetos que estão disponíveis à ela são um destino do interdito do Édipo: o homem amoroso, cuidadoso, maternal e o sensual, voraz,

que se instalaram cindidos das características do objeto materno que os reunia. Pois que sua mãe fosse tomada como meretriz não impediu que nossa paciente inventasse em sua relação com o objeto de amor, ou seja, sujeito dividido na relação com o objeto causa de desejo, seu próprio marido como substituto da mãe de sua primeira infância, com o qual o gozo estava excluído, visto que este não entrava jamais em seu jogo de suspeitas e interrogatórios.

Logo, temos, dentro do conjunto dos amantes, um homem fugaz, que por sua vez, tem outras mulheres, a quem deve vigiar, espreitar, e que deixa entrevisto a rival no horizonte. Se faz presente, pois, uma ligação homossexual com a rival, tributária do complexo de Édipo invertido, muito semelhante ao que vemos no caso da jovem homossexual de Freud (1920).

Passaremos também a uma análise pela via da proposta de Lacan, com uma abordagem pela via da sexuação. Como vimos, será preciso termos presente que a sexuação é produto da ação do significante sobre o sexo biológico, o que depende de alguma maneira se inscreva no sujeito algo da castração e o significante que daí resulta: o falo. Dito de outro modo, o significante falo atua na passagem do corpo imaginário ao corpo sexuado, inaugurando sobre ele todas as significações. Quando tal passagem não ocorre, ou se efetua mal, encontramos casos de fenômenos psicossomáticos ou hipocondria, por exemplo, onde o significante não se inscreve, ficando algo da ordem do signo marcado diretamente no corpo.

A incidência do significante sobre o corpo imaginário o molda pela imago corporal. Mas não só, incide também no modo de gozo, ou seja, na inscrição no lado do gozo fálico. A sexuação está, portanto, condicionada à ação do significante fálico, e para cada sujeito há um modo singular de inscrevê-lo no corpo, em como cada sujeito se posiciona perante o falo, se o aceita ou se o rechaça. Essa eleição está para além das identificações imaginárias e simbólicas, pondo em causa a decisão do ser perante o gozo.

Os desdobramentos na vida amorosa e sexual são distintos caso a sexuação se produza pelo lado masculino – todo – ou feminino – não-todo. Um deles é a divergência entre o objeto de amor e o de desejo, e isso vale também para as mulheres. Para elas pode ser difícil que amem ali onde desejam, pois se podem amar àquele que se dispõe a dar o que não tem, ou seja, aquele que se apresenta castrado, podem vir a depositar seu desejo naquele cujo falo tomam como fetiche. Ou, ainda, de um mesmo homem pode exigir dois, o que exhibe seu falo e o que pode dá-lo como amor. Também assim, os ciúmes não advêm apenas da projeção da divergência da sua própria vida erótica, mas desta dupla demanda vinda da mulher. Isso se desdobra de um modo que assim como o homem quer sua mulher toda para ele, ele a vê como toda, a acredita não barrada e logo, obtendo um gozo do qual ele não faz parte. Mas a dificuldade está no fato de que não é que tenha um outro homem, mas um outro gozo.

Deste modo, mesmo com todo o interrogatório ela não terá como saber tudo, visto que nem ela mesmo pode saber de que se trata esse todo, pois não está no inconsciente, mas no ponto de ex-sistência² ou êxtimo:

C'est l'amour des femmes, pour autant... c'est-à-dire que c'est vrai que - une par une - elles ex-sistent. Elles sont réelles et même terriblement, elles ne sont même que ça, elles ne consistent qu'en tant que le Symbolique existe, c'est-à-dire ce que je disais tout à l'heure, l'inconscient. C'est bien en quoi elles ex-sistent comme symptôme, dont cet inconscient provoque la consistance, ceci apparemment dans le champ mis à plat du Réel. (LACAN, 1974-1975, p. 114).³

Algo que se assemelha a uma verdade sinistra, posta em anamorfose na cena, da qual só se pode ter notícia ao se sair da cena e se lançar um olhar a partir de outra perspectiva, olhando de espreita. Isso não resulta bem se não houver uma estrutura de ficção da verdade, algo aprendido pelo amante da nossa paciente ciumenta, que a cada noite lhe contava novas histórias sobre suas supostas aventuras, estas que ela já não tomava ao pé da letra, mas ao pé do ouvido, lhe acendendo o desejo e mantendo viva a paixão.

O poema de Melo Neto que trouxemos na abertura de nosso texto nos fala desse impossível da equivalência entre homens e mulheres que pode ser mediada pelo amor. Lacan ([1971]/2011) já havia nos lembrado que o muro que há entre o homem e a mulher, esta interposição, o muro como o lugar da castração, ao qual se pode se aproximar pelo amor, nos recordando o poema de Antoine Tudal (in: LACAN, [1971]/2011, p. 90-92), que diz:

Entre o homem e a mulher
Há amor.
Entre o homem e o amor
Há um mundo.
Entre o homem e o mundo
Há um muro.

NOTAS

¹Um toque de teu dedo no tambor desencadeia todos os sons e dá início a uma nova harmonia.

Um passo teu recruta novos homens, e os põe em marcha.

Tua cabeça se vira: o novo amor!

Tua cabeça se volta, - o novo amor!

"Muda nossos destinos, acaba com as calamidades, a começar pelo tempo", cantam estas crianças, diante de ti.

"Semeia não importa onde a substância de nossas fortunas e desejos", pedem-te.

Chegada de sempre, que irás por toda parte.

²Lacan conceitua como ponto de ex-sistência ou êtimo o ponto de "exterioridade íntima, essa extimidade, que é a Coisa." (Lacan, [1959-1960]1997, p. 173).

³Es el amor de las mujeres, en tanto, es decir, que es verdadero que una por una ellas ex-sisten, ellas son reales, ¡e incluso terriblemente!. Incluso, ellas no son más que eso. Ellas no consisten sino en tanto que lo Simbólico ex-siste, es decir lo que yo decía recién: el Inconsciente. Es precisamente por eso que ellas ex-sisten como síntoma cuya consistencia provoca este Inconsciente, esto aparentemente en el campo puesto en el plano de lo Real.

REFERÊNCIAS

DANIEL, A. **L'aura Amara**. Disponível em: <<https://poemargens.blogspot.com.br/2009/07/arnaut-daniel.html>> Acesso em: 1 jun. 2016.

FREUD, S. Estudios sobre la histeria. In: _____. **Sigmund Freud obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. v. I. (obra originalmente publicada em 1893[1895]).

_____. Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre (Contribuciones a la psicología del amor, I). In: _____. **Sigmund Freud obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. v. XI. (obra originalmente publicada em 1910).

_____. Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II). In: _____. **Sigmund Freud obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. v. XI. (obra originalmente publicada em 1912).

_____. Sobre algunos mecanismos neuróticos en los celos, la paranoia y la homossexualidad. In: _____. **Sigmund Freud obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. v. XVIII. (obra originalmente publicada em 1922[1921]).

_____. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: _____. **Sigmund Freud obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. v. XIX. (obra originalmente publicada em 1925).

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Estou falando com as paredes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (obra originalmente publicada em 1971).

_____. **O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (obra originalmente publicada em 1957-1958).

_____. **O Seminário: Livro 7. A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (obra originalmente publicada em 1959-1960).

_____. **O Seminário: Livro 10. A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (obra originalmente publicada em 1962-1963).

_____. **O Seminário: Livro 20. Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (obra originalmente publicada em 1972-1973).

_____. Le Séminaire R.S.I., 1974-1975. Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne international et destine à ses membres.

MELO NETO, J. C. de. **O cão sem plumas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

METZGER, Clarissa. Sublimação: laço entre arte e clínica. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 133-143, out. 2015.